

## O BILHETE E A CARTA COMO EVENTOS DE LETRAMENTO

<sup>1</sup>Andréa Alves da Silva Souza.

<sup>2</sup> Telma Maria Santos de Faria Mota.

\*Relato de Experiência

O presente trabalho relata experiências vividas em eventos de letramento pelos gêneros textuais, nos primeiros e quintos anos da primeira Fase do Ensino Fundamental, CEPAE/UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, com o gênero bilhete e o gênero carta, respectivamente. Estes eventos têm como suporte teórico a concepção Bakhtiniana de linguagem (1995) e de gênero discursivo (2010), o letramento de modelo ideológico de Street (1993) e de Santos (2011), que o abordam pelo aspecto social da escrita.

Palavras-chave: letramento, leitura, escrita

O letramento escolar concebe a leitura e a escrita como elementos constitutivos do processo de socialização. A prática de escrita é vinculada a determinados eventos, ressignificando a prática escolar para desempenhar seu papel social e romper com o reducionismo do ensino da língua materna – nesse caso, o Português – que contempla apenas a forma, em detrimento às necessidades socioculturais dos alunos.

Para que isso se concretize numa perspectiva Bakhtiniana a linguagem é concebida na sua totalidade, e integrada à vida humana, ao mesmo tempo que reflete, refrata as relações sociais, políticas, econômicas e ideológicas. Nessa dimensão social, o diálogo é considerado como a categoria básica da linguagem. Segundo o ponto de vista de Bakhtin (1988), toda interação é dialógica e faz parte de um processo contínuo de comunicação, que se materializa através das palavras.

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. (Bakhtin 1988:41). A natureza dialógica da linguagem tem contribuído para que possamos compreender a leitura e a escrita como processos enunciativos. Por isso, defendemos o trabalho pedagógico com gêneros discursivos para que seja mais significativo para o aluno, de maneira a aproximar-se das

---

<sup>1</sup> CEPAE –UFG Souza.andreaalves.@uol.com.br

<sup>2</sup>CEPAE-UFG Telma.sfm@hotmail.com.br

situações reais do uso da escrita. Nessa perspectiva, selecionamos os gêneros bilhete e carta, para trabalhar em sua verticalidade. Por que a escolha destes gêneros discursivos?

A escolha do gênero discursivo bilhete, no primeiro ano, e carta, no quinto ano, se dá por estes oferecerem a possibilidade de a criança se colocar como sujeito sócio-histórico e cultural, discutindo, argumentando, defendendo e contrapondo ideias. Também possibilitou aos alunos momentos de leitura dos gêneros diversos, discussão, pesquisa sobre um determinado tema, com debates para tomada de posição e de opinião.

Nesse sentido, elaboramos sequências didáticas, que segundo Dolz e Schneuwly (2004), devem ser organizadas sistematicamente em torno de um gênero para que seu uso seja mais adequado e, assim, possibilitem a produção de textos, inicialmente, com ajuda e mediação do professor e dos alunos, para em seguida os alunos produzirem cartas e bilhetes individuais, promovendo eventos de letramentos.

A efetivação desses eventos é contemplada nos apontamentos de Geraldi (1997), quanto às condições necessárias à produção de um texto. Ele considera que a criança tem que estar em situação real de escrita. Assim, ela necessita “ter o que dizer, razões para dizer, para quem dizer e estratégias para dizer”, contrapondo a realidade escolar em que os alunos escrevem apenas com o objetivo de cumprir uma tarefa para o professor, sendo este, o seu único interlocutor. Assim, a escola amplia as interações dialógicas da criança em seu contexto social, que precisa ir para além dos muros escolares. A linguagem não pode ser usada como se fosse neutra, servindo apenas de instrumento para transmissão de certos conteúdos desligados da vida da criança, não pode ainda ser entendida como uma habilidade a ser adquirida através da associação de estímulos e respostas, de forma passiva e mecânica. Dessa forma, o papel do outro e da interação dialógica ficaria esquecido.

O texto passa a ser, então, para nós alfabetizadores (as), elemento básico. Entendemos que o processo de aquisição de leitura e escrita deve ser iniciado a partir da interação das crianças com unidades de sentido que, em nossa concepção, são os textos. Por isso, é importante que desde o início a criança também use a escrita como um meio de interagir com outros interlocutores. Segundo Braggio (1992:81), “a criança não escreve por escrever, toda vez que escreve, ela tenta comunicar alguma coisa, mesmo que sua escrita ainda esteja representada por rabiscos, que a criança lê como portadores de significados.” Tais ensinamentos teóricos nos ajudaram quanto ao redimensionamento de nossa prática pedagógica. O processo de aprendizagem da leitura e da escrita é fundamentado no texto, como unidade mínima de sentido, tanto para leitura como para a produção escrita.

Paralelamente, as histórias, as listas, os diários, os textos informativos, os argumentativos, os bilhetes e as cartas passaram a ser abordados dentro de uma perspectiva mais funcionalista e social, tendo em vista, principalmente, o interlocutor.

A escolha do gênero bilhete nas séries iniciais e da carta se deu pela sua estrutura interativa, concreta e dialógica, em criação de eventos de letramento na sala de aula, local de discussão, de debates, de interação de conhecimentos sobre um tema. As crianças foram levadas a produzir o bilhete com um objetivo, para um interlocutor determinado. O bilhete também assume uma posição responsiva, sua resposta vai favorecer o diálogo entre enunciados, num emaranhado de discursos sem fim.

Nós, professores do CEPAE/UFG, ao longo dos anos, viemos estruturando e organizando o Projeto de Ensino de Português, assim optamos por selecionar alguns gêneros para serem verticalizados em cada ano (série). O bilhete, entre outros, para o primeiro ano e a carta, entre outros, para o quinto ano.

Em nossos planejamentos semanais, foram elaboradas atividades pedagógicas a partir de uma sequência didática com projetos interdisciplinares de leitura e interpretação de histórias, atividades interativas como festas de aniversários entre as séries, escritas para o jornal da escola “Folhinha Aplicada”, divulgações e indicações de leituras de livros para os colegas, entre outras. Assim toda e qualquer situação era motivo para escrever bilhetes.

A criança escrevia bilhetes usando as mais variadas formas de colocar seus registros e se comunicar com outrem, usando letras soltas, aglutinações de palavras, segmentações indevidas, escrita fonética. Tudo isso fazia parte de um processo de escrita que estava sendo construído e essas tentativas eram respeitadas e valorizadas como processo. O bilhete escrito dentro da situação real de produção era enviado ao seu destinatário, que por sua vez respondia à sua solicitação ou agradecimento.

No primeiro ano do Ensino Fundamental, as crianças interagiram com bilhete desde o início do ano letivo. Antes mesmo de a criança vir para escola, ela recebeu em casa um bilhete dos professores, dando boas vindas e contando algumas coisas que existiam em nossa escola. Quando chegou à escola, a criança conheceu os professores e comentou o bilhete que havia recebido. Em seguida, aconteceu uma discussão oral, cada um contou como foi receber um bilhete que tinha sido enviado pelo correio da cidade e quem teria lido o bilhete, sozinho ou com ajuda de um adulto. Posteriormente, leu-se e explorou-se a história “Nascer Sabendo”, de Ronaldo Simões Coelho, porque, no bilhete enviado às crianças, havia uma reflexão sobre o assunto aprender e a história contava que não existia ninguém que tivesse nascido sabendo

tudo. “Como era gostoso aprender”. A justificativa para a leitura da história “Nascer Sabendo” foi encorajar as crianças a fazerem tentativas de leitura e escrita, durante todo ano letivo. Esse trabalho tinha sido iniciado com o bilhete enviado às crianças, porque nele foram mencionados alguns aspectos sobre a história.

Outro motivo que levou à produção de bilhete foi a preparação da festa de aniversariantes do semestre. Resolvemos consultar outra série sobre a possibilidade de fazermos juntos, duas turmas de alunos de séries diferentes, primeiro ano e segundo ano. Para isso, escreveram-se bilhetes coletivos, com mediação do professor. Depois aconteceu a programação de um piquenique coletivo, por meio de bilhetes, discutindo-se o local, o horário e a alimentação. O local causou surpresa aos alunos, nascendo outro bilhete aí e isso foi motivo para a escrita de outro bilhete para o jornal da escola, comentando o piquenique, e o local que em que aconteceu, no caso, uma Faculdade para Índios que os alunos nunca tinham visitado.

A exploração da escrita de bilhetes é integrada aos contextos interdisciplinares que surgem na sala durante todo ano letivo. Como aconteceu a partir de uma história sobre abelhas, “A Abelha Abelhuda”, da autora Heliana Barriga, fizemos comentários sobre as abelhas, lemos um texto informativo sobre este assunto e escrevemos bilhetes para a diretora da nossa escola que é estudiosa do assunto. Por isso, foram escritos bilhetes a ela convidando - a e depois, bilhetes agradecendo a aula dada por ela. Observou-se que, nos bilhetes de agradecimentos, as crianças mencionaram os conhecimentos científicos adquiridos sobre as abelhas, durante a aula dada, agradeceram a pesquisadora e a visita ao meliponário. Houve resposta aos bilhetes enviados pela diretora. Assim aconteceu a interlocução.

Por último, mais um bilhete persuasivo foi escrito por essa turma, trabalhando o conteúdo folclore junino que iria acontecer em nossa escola. As crianças escreveram para os pais sobre os preparativos da festa, convidando-os a participarem do evento, que seria uma interação cultural.

Sendo assim, o trabalho com o gênero bilhete foi considerado uma forma de interlocução com outros possíveis leitores de seus escritos e mediadores no processo de refacção de outros bilhetes. Com a sistematização desse gênero, as crianças vivenciaram a funcionalidade desse gênero em contextos reais de produção.

Quanto à carta, ela também, foi selecionada por ser considerada um gênero que, segundo Bazerman (2006), desempenha um papel especial na formação dos muitos outros gêneros, e ainda por seu caráter interativo e persuasivo. Mesmo a carta ficcional serve de

entretenimento e de exercício comunicativo na construção de vínculos que podem ser estabelecidos.

Para a sistematização e o aprofundamento do ensino da carta, perpassamos várias atividades com outros gêneros discursivos, principalmente o jornalístico, como o editorial, pois na escrita do gênero carta de solicitação ou reivindicação os argumentos devem ser persuasivos.

Uma carta dirigida a um deputado Federal, que lutava pela PEC 115, em defesa dos cerrado goiano, teve auditório real. Para entendimento do tema “cerrado goiano”, os alunos leram em média cinco textos informativos sobre o bioma cerrado, sua fauna, flora, biodiversidade. E outros dois textos sobre o planeta Terra e o uso indevido da água. Os textos dialogavam entre si, possibilitando leituras intertextuais, para que os alunos produzissem textos informativos sobre o tema e chegassem à carta.

Para a escrita do texto informativo, os alunos escreviam com a orientação de uma planificação de texto. O professor como mediador, expunha no quadro-giz um roteiro para que as informações necessárias não fossem perdidas. Outro momento importante era a ida à sala de computação para que pudessem pesquisar e ler mais textos sobre o tema Cerrado Goiano. Na oportunidade mandávamos email para os envolvidos com a PEC 115.

Depois de estarem bem interagidos e familiarizados com o tema, os alunos começavam a escrita da carta em que se colocavam favoráveis à aprovação da medida provisória. Em seguida à escrita, era feita uma troca entre os pares, os mediadores mais diretos, para perceberem alguma incoerência quanto à estrutura, à forma, ao aspecto ortográfico e semântico entre outros.

Logo após, o professor mais uma vez fazia a correção junto com o aluno para que assim eles pudessem passar a limpo e assim enviarem, via correio, as cartas. O mais significativo deste evento de letramento escolar, situado, era que os alunos (as) se colocassem como sujeitos de mudança, se sentissem cidadãos que mesmo de forma basilar conseguissem perceber a força da escrita em nossa sociedade letrada.

A partir dos estudos e das análises no decorrer de alguns anos, concluimos que, de fato, é possível trabalhar com os gêneros discursivos, isto dependendo do modo como o professor conduz as atividades. A nosso ver, elas devem ser feitas de forma questionadora, levando os alunos a tomarem uma posição frente a um determinado problema. Percebemos o bilhete e a carta são gêneros que podem ser usados para o letramento e constituem um instrumento para a formação do leitor crítico, além de contribuir para o exercício da cidadania.

O uso desses gêneros faculta o movimento de escrever para um interlocutor real, possibilitando às crianças escrever e reescrever seus textos, porque sabem que existe alguém que precisará compreender seus escritos, então elas escrevem, fazem revisão dos textos e se sentem autores (as) do que escreveram. Sendo assim, o movimento de escrita e reescrita do texto torna-se menos árduo no processo de escrever, porque se tornam significativos.

O trabalho com os gêneros bilhete e carta foi considerado uma forma de interlocução com outros possíveis leitores de seus escritos e mediadores no processo de refacção de outros textos.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 2º Ed - São Paulo: Cortez, 2006
- BRAGGIO, S.L.B. *Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- DOLZ, J. *Escriber textos argumentativos para mejora su comprensión*. CL & E, 1995.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão* - São Paulo- Parábola Editorial- 2009.
- MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro. *Cultura, escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo, *Projetos de letramento e formação de professores de língua materna*, Natal: EDUFRN, 2011
- SIGNORINI, Inês (org.) Ana Elisa de Arruda Penteado ... (et al.). *Gêneros catalizadores: letramento e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita*. São Paulo: Cortez, 1988.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.